



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

CHRONICA:—*Chronica*, por C. D.;—*Rei e pastor*, versos por Alberto Pimentel;—*Nicolau Tolentino em presença de novos documentos*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Os excêntricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*A condessa Hermet*, conto, por Guy de Maupassant;—*As nossas gravuras*;—*Ironia da morte*, soneto, por Manuel de Moura;—*Em família* (*Passatemplos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A vingança d'uma cantora*, conto, por Eduardo Sequeira.

GRAVURAS:—*Mr. Berthelot*;—*Conselheiro Arantes Pedroso*;—*Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello*;—*Os quartéis militares de Free-Town*;—*Pavilhão este no paleo da legação franceza, em Pekin*.

### CHRONICA

«Não appareceu testamento. Supõe-se que o não fez, porque não tinha que testar. Os seus proventos eram absorvidos pelas exigencias da sua alta representação social.

Creemos que, relativamente, morreu pobre. Os politicos, e os republicanos inconscientes, que chamam *ladrões* a todos os homens que lhes sobrepujam a plana, deverão a esta hora ter engulido a phrase da sua giria reles: *o ladrão do Fontes*.»

A *Capital*, folha progressista.



MR. BERTHELOT

Quasi que chega a ser bom morrer, depois de se ter sido crivado de injurias e doestos, com elle o foi sempre, para que, sobre as lageas frias do tumulo, perpassem, a horas mortas, acordando os echos da necropole sombria, estas vozes da Justiça humana, semelhantes a uma *preghiera* dulcissima e harmoniosa!

Quasi que vale a pena abandonar uma existencia tão mordida pelo traçoeiro estylete da inveja e da calumnia, e repouzar para sempre á sombra dos cyprestes verde-negros do cemiterio.

Ali, ao menos, em face da morte livida, que não tem alentos para lutar, nem energia para se defender, nem as armas da força para esgrimir, todas as paixões ruins emmudecem; todas as mesquinherias mundanas se escondem envergonhadas; todas as recriminações e improprios se transformam, como que por encanto, em hossanas e louvores.

Tem ao menos isto de bom a morte, quando a vida, embora abocanhada com villanias e affrontas, foi limpada como o crystal, e como o crystal, transparente, sem a mais leve impureza a maculal-a e denegril-a.

Até as consciencias más, tocadas pelo espinho do remorso, se penitenceiam dos insultos vibrados contra a honra do vivo, quando o contemplam, feito cadaver, inerte e decomposto, entre as quatro taboas d'um esquife, com as pupillas já sem brilho para poderem medir, n'um olhar rapido, a estatura do insultador, com o sangue já frio e paralyzado para poder revolver-se nas veias sob a pressão d'uma injuria.

Como deve ser bom morrer assim, sentindo confundirem-se com o ultimo alento, com o derradeiro monosyllabo balbuciado em vida, as expansões affectuosissimas da grande alma d'um povo inteiro, retalhada pela maior e pela mais funda de todas as dôres—a dôr inexprimivel da saudade immorredoir!

Quanto deve ser agradavel ver brilhar pela ultima vez o sol, como elle viu, afagado pelas mãositas brancas d'uma creança estremecida, e apercebendo já, voejaram-lhe em torno do leito, os murmurios de admiração suprema que a patria não menos estremecida lhe enviava de todos os seus recantos!

\*

Se é certo que na frente d'um morto se retratam fielmente as impressões da extrema hora, se nas faces do cadaver se reflectem com escrupulosa nitidez todos os soffrimentos e todas as angustias que saltaram a alma do agonisante, pôde-se afirmar que Fontes Pereira de Mello morreu tranquillo, sereno e feliz, sem dores e sem remorsos, com a consciencia de ter bem cumprido a sua missão na terra, de ter bem servido o seu rei, de ter bem amado o seu paiz, este paiz ás vezes leviano como as creanças, mas sempre generoso nas grandes occasiões, sempre nobre e digno quando se trata de fazer justiça e de premiar virtudes.

Nas faces do morto excepcionalmente illustre, que foi principe como Bismarck e que tinha estatura para cingir uma corôa, como Napoleão, não havia um traço sequer que denunciase agonias pungitivas, que reflectisse a mais leve sombra desenhada sobre o seu espirito superior e prestigioso ao abandonar a vida terrestre.

Vimol-o sobre o leito mortuario, com o busto inerte illuminado pela luz pallida e suavissima dos cirios. Na doce serenidade da sua phisionomia immovel, o athletico estadista que tão grande fôra entre os maiores estadistas da nossa epoca, parecia dormir, parecia sonhar, sonhar talvez com a gloria de haver vivido honrado e de ter morrido pobre, como entre nós morrem sempre os gigantes pelo talento.

\*

Tombou pobre na sepultura! Tristissima coisa esta, quando se trata d'um ignorado qualquer, d'um humilde, mas gloriosa realidade e nobilissimo brasão para quem foi um Fontes, o *ladrao do Fontes*, como ali lhe chamaram em vida!

\*

N'esta terra das lendas diffamantes, onde a Calumnia só ensarilha armas diante d'nm tumulo, espalhara-se que o prestigioso chefe do partido regenerador, o presidente de tantas situações politicas, o ministro da fazenda de 51, de 65, de 71 e de 81, o negociador de tantos emprestimos, possuia *chalets* na Suissa, *cottages* e *villas* na Inglaterra, palacios na Allemanha, centenas de contos depositados nos bancos de Londres.

«... d'algures lhe vem» boquejava o povo, de envolta com uns sorrisos zombeteiros e sarcasticos, synthese de muita villania posta a correr mundo pela imprensa periodica, producto de muita infamia propalada pelos adversarios do vigoroso estadista.

Afinal, a lenda desfez-se perante a tristissima realidade d'esta morte quasi em plena pobreza. Fontes não fez testamento, porque não tinha que testar: eis a verdade inteira. O primeiro vulto do paiz em prestigio, em talentos politicos e em eminencia de posição social, nem sequer deixou com que fazer face ás despezas do seu enterro!

De todos aquelles palacios, *cottages* e *villas* ideaes, architectadas pela phantasia popular, só resta uma coisa real e authentica:—um tumulo humilde e modestissimo no cemiterio dos Prazeres.

Foi a unica pousada que Fontes Pereira de Mello poude comprar, a unica habitação que mandou construir. E só nas vespuras de morrer conseguiu fazel-o, elle, o *millionario*, o *ladrao do Fontes*!

E' ali que descança, rodeado pelos respeitos de todos nós, o chefe amantissimo, o amigo dedicado, o operario infatigavel e glorioso, o politico leal e fidalgo, o portuguez illustre, perante cuja memoria se curva hoje reverente uma nação inteira, perante cujo cadaver ajoelham, chorando, reis e principes.

Foi ali que a Chronica lhe disse adeus, porque para mais não chegava a sua palavra descolorida. E' ali que elle dorme, o athleta, o colosso, o gigante, o insubstituivel, o assombroso, o Fontes.

C. DANTAS.

P. S.—E' possivel que, por virmos tarde render esta homenagem, e por ser ella a mais pobre entre todas, ninguem oiça a nossa palavra. Pouco nos importa.

Ninguem attentou tambem na inscripção singella que levava uma das corôas pousadas sobre o athaude do morto saudoso, e essa inscripção symbolisava talvez a maior de todas as dôres que o desaparecer do grande vulto provocára.

Era a dedicatoria d'um velho servo fiel, e dizia apenas, sem pompas vans de rhetorica:—«Do Lourenço».

Passou despercebido o modesto preito do servical antigo e dedicado, mas o pobre Lourenço quedou-se com a consciencia de que ninguem pranteára mais profunda e sinceramente a morte fatalissima.

A nós succede-nos o mesmo. Isso nos basta.

C. D.

## REI E PASTOR

«O rei James V, que morreu de trinta e tres annos, em 13 de dezembro de 1542, era um joven rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos bairros escusos das cidades.»

GARRETT.

## I

Ao pé do freixo umbroso e da sonora fonte,  
Que dão sombra e frescura ás boninas do monte,  
Glycera, a moça loira, Amyntas, o pastor,  
Juravam-se um ao outro o seu eterno amor.

Sobre a relva assentada, a formosa Glycera  
Tecia de jasmims e verdes folhas de hera  
Grinaldas e festões, cantando uma canção  
Em que menos cantava a voz que o coração.  
Assim também se eleva o cantico suave  
De uma ave que estremece á espera de outra ave  
Nas alcóvas em flôr que tece o mez de abril.

Não tardou que chegasse, á volta do redil,  
Amyntas, o pastor, já recolhido o gado.  
—«Grinaldas! Para que?»

—«Para o nosso noivado»

Corando de pudor, Glycera respondeu,  
E enquanto elle a fitava, ella os olhos desceu.  
—«Disseste muito bem, minha amada Glycera,  
«Vamos ambos colher jasmims e folhas d'hera.  
«Sim! . . Tu não serás de outro? E' minha a tua mão?  
«De mais ninguem será?»

—«Eu te juro que não.»

—«Agora sou feliz! Vou dar-te, porque és minha,  
«Aquella ovelha branca, ess'outra malhadinha  
«Que valem um milhão! Iguaes inda não vi!  
«Mas, porque tu és minha, eu dou-t'as para ti.  
«Olha, que lindas são! Valem um bom rebanho  
«Na côr, na timidez, no pello e no tamanho!  
«Só teu, de mais ninguem, é o fresco laranjal,  
«Que dá tão doce sombra ao meu . . . ao teu casal.  
«Dou-te do meu redil os dois novilhos bravos,  
«E as colmeas que tenho, e todo o mel dos favos,  
«As arcas, o bragal, peculio do pastor,  
«E acima d'isto tudo, o meu eterno amor.»  
E sorrindo enlevada, a formosa Glycera  
Alternava jasmims com verdes folhas de hera.

## II

Era o rei James V um joven rei feliz,  
Que de lendas de amor encheu todo o paiz  
Da sua bella Escocia, alcantilada e fria,  
Onde o seu coração a neve derretia.

Soam trompas de caça, e em célere tropel  
Passa o rei cavalgando o seu veloz corcel  
Entre nuvens de pó; e seguem-n'o monteiros  
E pagens de libré e mastins e rafeiros.

Do freixo á verde sombra, assentada no chão,  
Glycera, de medrosa, ouvia o coração.

—«Bons dias, pegureira.»

—«Os mesmos vos desejo.»

Disse-lhe ella córando ou com medo ou com pejo.

—«Que fazes por aqui? Esperas teu pastor

«N'este ermo pinheiral?!»

«—Não espero, senhor.»

—«Como te chamas tu?»

—«O meu nome é Glycera.»

—«Que linda e que gentil! Tu és da primavera

«A mais formosa irmã! . . .»

—«Mercê que me fazeis.»

—«Se alguém te rouba aqui?»

—«Sou pobre, bem sabeis.

«Ninguem rouba á pobresa. Ella de si é escassa.»

—«Excepto quando é o rei que n'estes sitios passa . . .»

—«Piedade!»

E o louco rei, sem resposta volver,  
Aos monteiros bradou:—«Prendei-me essa mulher,  
«Conduza-m'a um de vós sentada na garupa  
«Do cavallo. A galope! Ávante, corceis! Upa!»

E tudo se perdeu n'um turbilhão de pó  
Ao longo do caminho. O pinhal ficou só.

## III

Em noites de luar, noites de primavera,  
Ouvia-se dizer:—«Onde estás tu, Glycera?»  
N'esse ermo pinheiral, e um longo choro após.

Finda a verde estação, calou-se a triste voz,  
E nunca se ouviu mais sahir d'entre os pinheiros.

Um dia, por acaso, um rancho de vaqueiros  
Passou ali, e viu estendido no chão  
Amyntas, o pastor. Chamaram-n'o em vão,  
Que elle não respondeu. Era gelado, frio.  
Dizem que succumbiu ao vêr chegar o estio  
Sem Glycerá voltar. E tinha a luz do sol  
Por cirio funeral, e folhas por lençol.

Mas o rei James V. em seu palacio bello,  
Ao pé do lago azul, que espelhava o castello,  
Extranhava a Glycerá esse tão louco amor.  
Que nos braços de um rei pranteava um pastor.

ALBERTO PIMENTEL.

## Nicolau Tolentino em presença de novos documentos

### IV

Não tinha direito, realmente, Nicolau Tolentino a queixar-se e a lamentar-se: quando tinha, que saibamos com certeza, 480\$000 por anno, 450 de ordenado de professor, 30 de tença do habito de Christo, e quando não eram grandes os seus encargos de familia. A prova de que na verdade vivia folgadoamente, o que não admira porque, sendo então o valor do dinheiro muito maior do que hoje, pode affirmar-se, sem receio de errar, que esses 40\$000 réis mensaes que Nicolau Tolentino recebia correspondiam hoje a 400\$000, mas a prova evidente do que dizemos está no facto d'elle ter comprado por 300\$000 a Francisco Gomes Catella a renuncia que este fez ao poeta do habito de S. Thiago com a tença de 12\$000 réis annuaes. As tenças das ordens eram pagas então em padrões de juro, ou, como hoje diriamos, inscripções, e n'este caso especial, titulos de renda vitalicia. Portanto o negocio feito por Nicolau Tolentino correspondia ao que hoje faria qualquer que empregasse as suas economias em titulos de divida publica, e não são de certo os indigentes que podem fazer semelhante cousa.

A compra do habito de S. Thiago e da tença correspondente fez-a Nicolau Tolentino quando não tinha ainda recebido o habito de Christo, que seu pae n'elle renunciou, e que só veio em 1778. Como porem Nicolau Tolentino já era cavalleiro professo do habito de S. Thiago, não o podia ser tambem da ordem de Christo, tratou de negociar a renuncia do habito de Christo, e encontrou compradores que foram Antonio Gomes Barroso que teve naturalmente o habito e 12\$000 réis de tença e D. Margarida Prostes da Silva que teve os outros 18\$000. Parece que haviam descido as inscripções, porque, tendo Nicolau Tolentino comprado o habito de S. Thiago com 12\$000 réis de tença por 300\$000 réis, apenas vendeu o de Christo com 30\$000 réis de rendimento annual por 500\$000 réis.

Effectivamente estes padrões de juro das tenças não podiam deixar de estar sujeitos ás variações de uma cotação, que não tinha *Stock-Exchange*, mas que nem por isso deixava de ser perfeitamente real e positiva. Effectivamente, os padrões de juro, mandavam-se inscrever no almoxarifado onde coubessem, quer dizer n'aquelle dos cofres publicos, onde houvesse verba disponível, e, se por qualquer motivo este cofre viesse a não poder pagar, o crédor do Estado não podia ir reclamar-o a cofre differente. Muito expressamente isto se declara na provisão que assegurava a Nicolau Tolentino a renda do habito de S. Thiago que elle comprara «com declaração que ao tempo em que não tiver cabimento dos ditos doze mil réis de tença em o almoxarifado em que foram assentados, ou depois de o ter, se em algum ou mais annos lhe ficarem por pagar por falta de rendimento, se lhe não hão de passar provisões para o thesoureiro-mór do reino nem produzirão obrigação de divida mais que no almoxarifado em que forem assentados, como ordenei por decreto de dezasete de janeiro de mil seiscentos e oitenta e nove.»

D'aqui se vê que o preço d'estes padrões de juro estava dependente não só do credito do governo, mas ainda do credito do almoxarifado por onde se pagava a renda, não podendo deixar de sujeitar-se portanto ás fluctuações d'esse credito.

Assim parece que as inscripções baixaram com a saída do marquez de Pombal do poder, porque, custando um padrão de juro de 12\$000 réis de rendimento 300\$000, em 1772, custava réis 200\$000 em 1788, um anno depois da queda do marquez de Pombal.

Se d'este facto isolado podessemos tirar conclusões geraes, o que não podemos, porque seria temerario, que interessante

estudo fariamos! Teria o credito publico protestado contra a queda do grande ministro, que o reino parecia acolher com extraordinario jubilo? São esses os pontos interessantes da historia portugueza, que infelizmente estão ainda e estarão muito tempo por estudar.

Tanto os seus interminaveis requerimentos e memorias actuavam no animo dos protectores de Nicolau Tolentino que a 21 de julho de 1781 foi nomeado official praticante da secretaria de Estado dos negocios do reino sem vencimento, o que só seria prejudicial para os discipulos. Tendo de praticar no ministerio, e tendo pouquissimo gosto pelo ensino da rhetorica, é natural que durante esses dois annos os seus alumnos apauhassem feriado em larga escala.

A 25 de junho de 1783 foi nomeado official ordinario da secretaria de Estado dos negocios do reino com 700\$000 réis de ordenado e os emolumentos que eram importantissimos, e note-se que não deixou por isso de receber o ordenado de professor de rhetorica, porque foi a Carta Constitucional que prohibiu as accumulações, e Nicolau Tolentino tanto continuou a funcionar que foi vencendo tempo para a jubilação, e d'ahi a annos jublou-se.

O sr. visconde de Sanches de Baena mostra-nos a transformação que se operou no viver de Nicolau Tolentino com esse despacho. Vivia até ahi folgadoamente, passou a viver com luxo.

Em 1783, logo que teve a effectividade na secretaria de Estado, foi morar para a Junqueira, montando desde logo carruagem como usavam os do mesmo officio, e vivendo largamente em companhia de sua irmã D. Anna e de seu sobrinho, o beneficiado Gonçalo José Maria, filho da dita senhora. Nenhum dos outros irmãos do poeta viveu em sua companhia.

Em 1783, Tolentino alargou em muito o seu campo de acção pelo casamento de seu sobrinho com a senhora de quem fallamos.

Tem-se dito que o logar de official de secretaria, que Tolentino desempenhou durante vinte e oito annos, era menos considerado então do que hoje. Nós não podemos concordar com semelhante asserção, pelas razões que vamos apontar: Era um emprego dos mais rendosos; adornavam-se os officiaes de secretaria com um fardamento especial, acompanhado de uma determinada insignia, pendente de uma fita preta. Tinham todos carruagem e eram seguidos como são hoje os ministros de Estado, por uma especie de correios a cavallo com os seus uniformes e chapa ao lado, que lhes servia de distinctivo, etc., etc. A não ser este um empregado de primeira ordem revestido de todos os requisitos para assim o deverem considerar, então não sabemos como se entendam e possam classificar estas coisas.»

Uma das fontes de rendimento mais importantes que tinham então os officiaes das secretarias de Estado era a da publicação da *Gazeta de Lisboa*, o jornal official d'essa epoca.

Foi em 1760 que o governo concedeu aos officiaes das secretarias o privilegio d'essa publicação, privilegio, que, como bem pode imaginar-se, era rendosissimo, não só porque todos os principaes funcionarios tinham obrigação de o assignar, mas, porque, sendo o unico periodico noticioso d'esse tempo, naturalmente o publico o lia avidamente para saber noticias da côrte e do estrangeiro e dos principaes acontecimentos que occorriam no reino.

O primeiro redactor da *Gazeta de Lisboa* foi Pedro Antonio Correia Garção, o grande poeta que foi uma das victimas do despotismo do marquez de Pombal. Tem-se procurado inutilmente conhecer a causa do profundo desagrado em que cahiu Pedro Correia Garção, que fóra por tanto tempo bemquisto do marquez de Pombal. Talvez no facto de ser elle o director da *Gazeta official* se encontrem algumas indicações que possam guiar o investigador no caminho da verdade. Effectivamente redigia Pedro Garção a *Gazeta* quando alli appareceram alguns artigos que desagradaram ao grande ministro, que mandou suspender a publicação, e acabou com o privilegio dos officiaes das secretarias. E' bem possivel que o mesmo motivo, que deu causa á suspensão do jornal, desse causa tambem ao castigo do poeta.

Em 1778 voltou a publicar-se a *Gazeta*, e voltou a ser essa publicação dirigida e sustentada pelos officiaes das secretarias que



CONSELHEIRO ARANTES PEDROS

d'ella tiravam fartos rendimentos. Foi tão feliz Nicolau Tolentino que entrou para a secretaria quando essa publicação estava em plena florescencia, de modo que obteve fartos meios de fortuna. Nunca foi, ao que parece, redactor do jornal. Encontrou á frente da redacção Felix Casnato, e, quando elle a deixou, caiu nas mãos de diversos collaboradores, sendo os mais notaveis José Agostinho de Macedo, Brotero, etc; mas Nicolau Tolentino parece que se absteve sempre de intervir n'esse trabalho. Lembrou-se talvez do seu confrade Garção e achou melhor receber os emolumentos do que escrever os artigos.

Ora esses emolumentos, incluindo tanto os da *Gazeta* como os do exercicio do cargo, subiam pouco mais ou menos a réis 1:800\$000.

Portanto, o ordenado de Nicolau Tolentino ou, para melhor dizermos, os seus vencimentos completos de official de secretaria, deviam ser de 2:500\$000 réis pouco mais ou menos.

Todos os seus rendimentos conhecidos subiram n'um anno á seguinte somma:

Ordenado de professor.....	450\$000 réis
Tença de S. Thiago.....	12\$000 réis
Ordenado de official de secretaria.....	700\$000 réis
Emolumentos.....	1:800\$000 réis
	<hr/>
	2:962\$000 réis

Quer dizer tinha perto de tres contos de réis, o que hoje responderia, pelo menos, a seis contos!

E não cessava, apesar d'isso, de fallar em miseria, de se apresentar como parasita. Com as nossas ideas de moderna dignidade, não podemos perceber como um poeta remediado, como o foi sempre pelo menos desde que teve casa sua, pode escrever versos aos magnates, mostrando-se reconhecidissimo pelo perú que vai comer á meza d'elles, confessando-se dependente. Emfim, era talvez assim que os seus protectores d'elle gostavam, e foi assim que chegou a ter uma verdadeira opulencia, como

vamos vêr, porque Nicolau Tolentino não se julgou ainda satisfeito com o que tinha, e continuou a apanhar quanto pôde.

PINHEIRO CHAGAS.

## OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

Antonio Joaquim Alvares

(O EPICO)

Em 1842 residia ainda, na cidade d'Evora, o honrado negociante Antonio Joaquim Alvares, cognominado o Antonio do *Cantinho*, por ter o seu estabelecimento de mercador n'uma rua, que com uma outra fazia cotovello, na historica cidade das grandes recordações romanas.

De Braga, onde nascera, aos 17 de outubro de 1817, (nas biographias dos homens illustres não ha datas inuteis) viéra Antonio Joaquim Alvares, para Evora, como marçano, crêmos nós, attendendo aos 12 annos de idade que então contava, e que para mais não davam, mesmo levando em linha de conta a sua precocidade. Em Evora residiu Antonio Joaquim Alvares, até 1842, exclusivamente preocupado com o seu trafego, e sem denunciar até então que uma alma de poeta se estoliava dentro das quatro paredes da acanhada loja do Antonio do *Cantinho*.

Um acaso, um simples acaso, fez-me chegar ás mãos, quarenta e seis annos depois de escripta, uma carta autographa do nosso poeta, por que Antonio Joaquim Alvares o era, e a valer, datada de 15 de novembro de 1840, em que elle se nos revela um nobre character, e um fino amador, antes do seu alto en-

genho o denunciar como um epico, senão rival de Camões, pelo menos de uma imaginação fértil, e de uma originalidade que ninguém com justiça lhe poderá contestar.

Da carta a que me refiro, dirigida a uma menina a quem o poeta cortejava em Evora, deduz-se que Antonio Joaquim Alvares casara em Braga em 1840, e d'este facto dá as razões n'uma longa epistola á sua antiga requestada, dando-lhe parte «de que passara a gozar as primeiras nupcias, e da boa ordem pelo omnipotente fundada, do estado conjugal.»

A este tempo tinha o futuro poeta 23 annos de idade, mas era já grande o seu bom juizo; e ao descartar-se dos seus anteriores affectos, era elle o primeiro a escrever á dama que abandonara, dizendo-lhe: «graças mil devemos render já aos Ceus por durante o tempo dos nossos prazeres ser opinião publica, e todos sabermos, que nem ao menos nossas fallas uma á outra podiam chegar, e só á vista, porque essa nol-a não podiam prohibir.»

E como esta honrada declaração não bastasse, continua affirmando: «que sempre cuidou em descobrir o que a natureza nos infunde adornada de honra, virtude e prodigalidades...»

Depois de largas tiradas philosophicas, que não parecem de um joven de 23 annos, e que já deixam suspeitar o poeta epico, não confiando ao que parece dos seus arrastados, usa rethoricamente do seu primeiro e unico ardil em tão dilatada correspondencia, procurando fazer-se odiar pela seguinte forma: «E saí mais a verdade pura, que a primeira carta que vos dirigi, e que de mim tendes, não era destinada para vós, mas sim para vossa mana.»

Com este honrado artificio, julgava acertadamente o poeta apagar as chamas do alheio amor, o que creio que chegou a conseguir sem difficuldade, á vista dos bons conselhos que o poeta lhe dava na sua carta, e do convite que n'ella lhe fazia de mais tarde um dos dois dar publicidade á curiosa correspondencia amorosa, que termina com a epistola a que me tenho referido, e que diz assim no final: «Peço-vos mais conserveis minhas cartas, que se deixem reunir as vossas que eu tenho, e um de nós sermos depositarios, porque se fôr da vossa vontade d'aqui a tempo, (occultando com tudo certos nomes por onde se possam conhecer) conhecerem d'este modo e servirem de exemplo, e por ellas aprenderem estes perversos a serem homens e amantes, pois que estou certo que em ellas se mostram—ternura—amor—honradez—e virtude. Este que é, vosso muito grato e virtuoso amigo.» (Segue a assignatura). (a)

E tudo isto escripto por um moço que de 12 annos viera de Braga innocente, e no mesmo estado se conservava 11 annos depois! Desconfio que a antiga requestada do poeta não consentiu na publicidade que este pretendia dar á correspondencia de ambos, e se tal fez, ninguém lhe perdoará haver privado as letras patrias de um livro que viria a ser rival das «Cartas de Heloisa e Abelard.»

De Braga, já casado, voltou o poeta para Evora, é de crer que pensando já em partir para o Brazil, o que effectou em 1843, tendo então 26 annos de idade. Foi naturalmente meditando no proverbio, «barco parado não faz carreira», que elle pensou consigo mesmo, que outro tanto aconteceria aos poetas que não se aventurassem a sair da patria. Partiu pois com destino ao Rio de Janeiro, onde se encontrava havia já 18 annos, em 1861, conforme elle proprio o declara n'esta magnifica citava do seu poema «Os Lusos, ou a dominação de Portugal».

Ha tres lustros e mais tres annos  
Habitar ousa a côrte imperial,  
Tempo em que deixei os lusitanos  
E admirar vim novo mundo oivinal.  
Vinte e seis janeiros frescos, lhanos  
Por mim então passavam afinal:  
E agora, reunidos e todos juntos,  
Me fazem bater ás portas dos defuntos.

Que a idéa de abandonar a patria não era nova em Antonio Joaquim Alvares deixa-m'o desconfiar um drama por elle escripto em 1840, embora só publicado em 1857, intitulado «O joven emigrado portuense» evidentemente escripto para alliviar as saudades que já então o deviam pungir. No anno anterior publicára, o por enquanto simples prosador, um livro «Indicador dos objectos mais curiosos, e de alguns monumentos historicos do reino de Portugal» de que o imperador do Brazil lhe acceitou um exemplar, e El-Rei D. Fernando um outro, o que tudo o auctor mette na conta de munificencia regia, lastimando-se apenas de ainda conservar em seu poder cincoenta e sete exemplares sem compradores.

Foi só quatro annos depois da publicação do «Indicador» que o nosso laborioso compatriota, «por intima e inteira vocação em horas de despena ás do tracto commercial», começou a dar os primeiros indicios de haver provado o fructo prohibido da poesia, incorporando nas suas «Horas Vagas» além de coincidencias historicas, artigos sobre moral e colonisação, felicitações, e discursos, algumas «poesias sacras, descriptivas e pessoais», que estavam ainda longe de deixar suspeitar o futuro auctor dos «Lusos», que só no anno seguinte viram a luz da publicidade.

(a) Conservamos a orthographia do original.

Tão intimamente estava convencido o auctor dos «Lusos» do barulho que o seu poema ia produzir e da popularidade que lhe havia grangear, que em vez de invocar as Tagides, como Camões, pedindo-lhes «uma furia grande e sonora», modestamente, é certo, mas mais cauteloso, o auctor dos «Lusos» apenas trata de dar circunstanciadas noticias ao leitor, do seu viver domestico, evitando assim involuntarios erros aos seus futuros biographos.

N'este louvavel proposito, escreve o poeta os seguintes versos:

Com esta merção duvidas evito  
Aos vindouros que entrelaçados  
Com mui numerosas biographias  
Farão gemer as typographias.

Feito este prudente e laconico aviso, o auctor dos «Lusos» dá-nos as seguintes informações acerca do seu viver de familia, em versos que, apesar da crueza do seu realismo, são dignos de louvor pela ingenuidade que respiram, e pelos elementos que fornecem para uma biographia completa do poeta.

Com relação á idade, e ao tempo que o poeta residiu no Rio de Janeiro, não pode deixar duvida a oitava que já transcrevemos. Quem porem desejar saber mais promenores da vida do poeta, encontra-os nos seguintes versos:

Dois lustros já lá vão neste Outeiro  
Passados em intimas recordações;  
Entregando leal e mui presenteiro,  
A Portugal minhas inspirações;  
Filhas do amor fiel e verdadeiro  
De dois bem unidos corações! ..  
Meu e da lusa, Dona Maria Rosa.  
Dilecta esposa minha mui formosa.

Do mesmo boletim de familia, duplamente meritorio, por ser exacto, o que não é vulgar em informações estatisticas, e de ser em verso, o que é de uma originalidade unica, consta que o poeta, á data da publicação dos Lusos, era casado havia vinte annos com a senhora D. Maria Rosa, natural de Braga; e que esta tinha apenas 18 annos quando lhe dera a mão de esposa. Na oitava seguinte aquella em que o poeta nos diz qual era o seu estado social, se apura que o casamento tivera lugar:

Na sacra capella de San' Mathias,  
Proxima d'Evora antiquaria,  
Em fevereiro aos dezoito dias.  
Foi a benção nupcial primaria  
Do nosso consorcio. O Prior Elias  
Depois confirmou com a secundaria.

Em que tempo foi isto tudo? Ah! vae a resposta, como se fosse extrahida do proprio livro dos assentamentos da capella de San Mathias. Foi

Na era dezoito seculos soberanos,  
Com demais quarenta e um annos.

Pondo em prosa todas estas seguras informações, apura-se que o auctor dos «Lusos» casara com a senhora D. Maria Rosa, tendo ella 18 annos, na capella de San Mathias, proximo d'Evora, aos 18 de fevereiro de 1841, sendo celebrante o prior Elias.

D'este consorcio nasceram: uma menina chamada Maria José; uma outra de nome Maria Joaquina, que o poeta, seu pai, celebra d'este modo:

Segunda vergontea do bom casal,  
Bella, discreta e muito fina,  
Como que de anjo algum ideal  
E' nossa filha Maria Joaquina:  
Na testa, saliente e bom signal  
Tem, como de estrella uma quina.

A estas duas meninas, seguiu-se um filho varão, chamado Constantino; e depois ainda duas outras meninas, uma Maria da Gloria, que tinha 10 annos em 1862, data da publicação do poema, e finalmente Antonia

..... a irmãsinha,  
..... que mezes só tem, coitadinha!

Sam cinco em numero que vivos tenho  
Filhos amados nativos brasileiros;  
D'elles em verso este vivo desenho  
Deixar quiz entre povos hospitaleiros.

Innocencio da Silva, dando conta no «Diccionario Bibliographico» do poema «Os Lusos» que só lhe chegara á mão em 1866, acompanhado de uma carta do auctor, em que lhe perguntava, «se o julgava apropriado a servir como compendio de historia patria nas escolas primarias de Portugal, expressa-se n'estes termos acerca do merecimento do poema:

«A alguns censores maldizentes (que nunca faltam) tenho ouvido declamar contra as excessivas liberdades que, segundo elles, se encontram a cada passo na metrificacão dos Lusos: chegado a haver quem affirme em tom sentencioso e decisivo que



ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

não ha em todo o poema um só hindecasyllabo que esteja certo, peccando uns por excesso, outros por deficiencia das syllabas necessarias, e o resto pela errada collocação dos accentos.»

«Porém isto são bagatellas, que pouco ou nada importam. Quem ousa n'este seculo pedir contas ao genio, sopear-lhe as expansões, coarctar-lhe os vãos, obrigando-o a subjeitar-se a regras minuciosas e puramente convencionaes? Primeiro que tudo, a inspiração; e esta ninguem será capaz de negal-a ao sr. Alvares.

O poema os *Lusos* é precedido de uma carta-prologo do conselheiro José Feliciano de Castilho, a que o auctor chama *analyse conspicua*, acceitando-a por tanto como a expressão da verdade pura. (a) Na carta do conselheiro J. F. de Castilho, lê-se:

«Honrou-me V. S.<sup>a</sup> com a sua carta de 11 do corrente, que acompanhava o seu extraordinario poema, *Os Lusos*, e cuja leitura me proporcionou momentos de ineffaveis delicias.»

.....  
E' um monumento *sui generis*, erguido ás glorias portuguezas. Com que graça não diz V. S.<sup>a</sup> ao Sr. Rei D. Luiz:

«E vós, ó rei Luso, em vosso paço  
Meus versos recebei que bons parecem;  
Sam sem servilismo nem atroz laço  
Que varios homens manhosos tecem.»

«Parabens a V. S.<sup>a</sup> em se não parecer com esses homens manhosos; e quanto ao parecerem-lhe bons os seus versos, ahí verá V. S.<sup>a</sup> quanta é a luz da evidencia que até se superpõe á sua natural modestia para lhe não obscurecer a valia da sua produção»

O auctor da «analyse conspicua» termina assim o seu julgamento: «Não direi que o genero seja completamente novo, mas ousou affirmar que nunca n'elle houve filho de Apollo que deitasse a barra adeante de V. S.<sup>a</sup>»

O que o conselheiro J. F. de Castilho se esqueceu, depois de citar a invocação do auctor dos «Lusos» a El-Rei o sr. D. Luiz, foi de a comparar, como seria curioso fazer, com a que o Camões dirigiu a El-Rei D. Sebastião. Pois o

E vós, ó rei Luso, em vosso Paço  
Meus versos recebei que bons parecem.

não poderá competir, senão levar a palma ao:

Inclinei por um pouco a magestade  
Que n'esse tenro gesto vos contemplo?

Pois ainda, os dois bellos versos:

Sam sem servilismo nem atroz laço  
Que varios homens manhosos tecem.

não poderão por accaso hobrear com o

Vereis amor da patria não movido  
De premio vil?.....

Decidam os que tiverem gosto apurado, e auctoridade bastante para fazer tão arrojado confronto entre as bellezas dos dois poemas epicos.

Não podendo Innocencio da Silva responder, como desejaria, no «Diccionario Bibliographico» á pergunta que o auctor dos «Lusos» lhe fizera, sobre se julgava o seu poema proprio para compendio de historia patria nas escholas de instrucção primaria, resolveu-se a dar conta de si em carta particular, á que o poeta deu publicidade no «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, e d'ahi foi transcripto para um outro jornal impresso em Lisboa. (b)

Na carta que primitivamente fôra destinada a ser confidencial, lê-se:

«No que respeita a serem os seus «Lusos» adoptados como compendio de historia patria nas escholas de Portugal, sinto-lhe por agora alguma difficuldade proveniente de estarem os professores já habituados a servir-se de outro poema analogo, que com esse mesmo intento composera ha annos o sr. Conselheiro Antonio José Viale. E' em seis cantos, e tambem em oitavas. (Que coincidência!) Corre já o dito poema em 4.<sup>a</sup> edição. Não duvido contudo que o de V. S.<sup>a</sup> venha a ser preferido, quando tiverem sido bem vistas as suas bellezas, porque as tem e grandes. Ha n'elle mais novidade e movimento continuo. Creio mesmo que será lido com mais gosto dos alumnos, pela liberdade do metro, que no do illustre conselheiro se torna algum tanto monotonico, em razão do seu rigido apêgo ás regras classicas.»

«Ao mais não pode negar-se que é tambem obra de merecimento, posto que, a meu ver, inferior ao de V. S.<sup>a</sup>. Elle mesmo, porque é sincero, se chegar a ver os «Lusos», hade concordar commigo, e reconhecerá a primasia de V. S.<sup>a</sup>»

N'este julgamento, aliás justiceiro, só temos a oppôr que, sendo «Os Lusos, ou a dominação de Portugal» poema sem heroe, mas heroico, por se contarem n'elle as heroicidades dos

grandes Lusitanos, conforme o proprio auctor confessa, nos parece fugir ás condições proprias de um compendio de historia, em que a chronologia carece ser respeitada.

Se o auctor dos «Lusos» ainda vive, como é para desejar em interesse das letras patrias, deve a estas horas caminhar para os seus setenta annos, e recordar-se com saudades do Bom Jesus do Monte; de Evora, «a antiquaria», e principalmente da capella de S. Mathias, e do excellente prior Elias, de que o poeta nos falla no seu poema.

Preciso denunciar aqui, para que tamanha falta se remedie, que os «Lusos» não existem na bibliotheca de Lisboa, onde de balde os procurei!

Andará a inveja, mascarada de economia, passeando ha tantos annos pelos corredores de S. Francisco?

L. A. PALMEIRIM.

## A SENHORA HERMET

Chamava se a sr.<sup>a</sup> Hermet. Fôra muito formosa, muito *coquette*, muito amada e vivia felicissima.

Madame Hermet era uma d'estas mulheres que não possuem no mundo senão a sua belleza e o seu constante desejo de agradar, um desejo que as sustenta, que as governa, que as consola nas alternativas da existencia.

A constante preocupação de manter intacta a frescura da pelle, o viço da cutis, a alvura das mãos, dos dentes, de todas as parcellas do seu corpo que poderiam mostrar-se, absorviam-lhe todas as horas, toda a attenção.

Enviavara e ficara só com um filho. Esse filho fôra educado como o são todos os filhos das mundanas muito admiradas. Entretanto, amara-o.

O filho cresceu; a mãe envelheceu.

Teria ella consciencia da fatal crise que se approximava? não sei.

Contemplaria, como tantas outras, todas as manhãs, durante horas consecutivas, a pelle, outr'ora tão fina, transparente e clara, agora sulcada de rugas, marcada d'esses mil traços, ainda imperceptiveis, mas que se accentuarão cada vez mais, dia a dia, mez a mez? Veria contrairem-lhe a fronte, enrugarem-lh'a, em uma progressão lenta e segura, essas linhas, essas finas serpentes, que nenhum poder detêm?

Soffreria ella a tortura, a abominavel tortura do espelho, do pequeno espelho de cabo de prata, inseparavel companheiro da *coquette*, que o affasta de si, raivosa, para o retomar em seguida, atraida pela tentação de tornar a ver de perto, de muito perto, a odiosa e inevitavel ruina da velhice que se aproxima?

Encerrar-se-hia ella dez vezes, vinte vezes durante o dia, deixando, sem motivo, a sala onde conversam os amigos, para subir ao seu quarto, para ahí, fechada á chave, seguir novamente o trabalho da destruição da carne madura que se estiola, para constatar, desesperada, o lento desenvolvimento do mal, que a ninguem é ainda visivel, mas que os seus olhos surpreendem?

Não ignorava ella onde se evidenciam os mais sérios ataques, as mais profundas aggressões da idade. E o espelho, o pequeno espelho redondo na sua moldura de prata cinselada, dizia-lhe cousas abominaveis, porque o espelho falla, parece rir, escarnece e annuncia tudo que está para chegar, todas as miserias do corpo e o atroz supplicio do pensamento, até ao dia da morte, que será o dia da libertação.

Choraria ella, allucinada, prostrada de joelhos, rojando a fronte no pó da terra, implorando Aquelle que anniquila assim as creaturas, e não lhes dá a mocidade senão para lhe tornar mais cruel a velhice, e não lhe empresta a belleza, senão para a retirar pouco depois; rogar-lhe-hia que lhe fizesse o que nunca se fez a ninguem, que lhe deixasse até á sua ultima hora o encanto, a frescura e a graça?

Em seguida, comprehendendo que implorava em vão o inflexivel Ignoto que impelle os annos uns apoz outros, rolaria, doida de terror, sobre o tapete do quarto, torcendo os braços, batendo com a fronte nos moveis, suffocando na garganta gritos de desespero?

Sem duvida, madame Hermet soffreu essas torturas. Porque eis o que succedeu.

Um dia (contava ella então 35 annos), seu filho, de idade de 15 annos, caiu doente, recolheu-se á cama, sem que se pudesse ainda diagnosticar de que provinha o seu mal. Um padre, preceptor da mancebo, velava junto d'elle e não o deixava, em quanto sua mãe vinha, de manhã e á noite, saber noticias do enfermo.

A senhora Hermet apresentava-se de manhã, com um penteador branco, risonha, perfumada, e perguntava da porta:

—«Então, Jorge, sentes-te melhor?»

A grande creança, vermelho, com a cara inchada, devorado pela febre, respondia:

(a) Esta carta foi transcripta no n.º 1:093 da *Gazeta de Portugal*, de 19 de julho de 1866.

(b) *Jornal do Commercio*, n.º 3:933, de 23 de Dezembro, de 1866.



—«Sim, mamã, um pouco melhor.»

A sr.<sup>a</sup> Hermet demorava-se alguns instantes, olhando para as garrafas dos remedios, depois, de repente, exclamava: «Ah! tinha-me esquecido de uma cousa urgente»; e fugia, correndo, espalhando no ar finos aromas de toilette.

A' noite, apparecia decotada, ainda mais apressada, tendo apenas o tempo indispensavel para perguntar:

—«Então, o que disse o medico?»

O padre respondia:

—«O medico ainda não classificou a doença.»

Uma noute, o padre annunciou:

—«Minha senhora, seu filho está atacado de hexigas.»

A sr.<sup>a</sup> Hermet lançou um grande grito de medo e fugiu.

Quando a creada de quarto foi abrir de manhã a janella, aspirou logo um forte cheiro a assucar queimado, e achou sua ama com os olhos abertos, o rosto empallidecido pela insomnia, tremendo de frio no seu leito.

A sr.<sup>a</sup> Hermet perguntou:

—«Jorge está melhor?»

—«Não, minha senhora, o sr. Jorge está hoje peor do que nunca.»

Madame Hermet levantou-se ao meio dia, tomou dois ovos e uma chavena de chá, depois saiu e foi saber a uma pharmacia quaes eram os methodos preservativos contra o contagio da variola.

Não regressou a casa senão á hora do jantar, carregada de frascos, e fechou-se no seu quarto, onde se impregnou de desinfectantes.

O padre esperava-a na casa de jantar. Logo que ella o viu, exclamou com voz commovida:

—«Meu filho?»

—«Nenhuma melhora. O medico mostra-se inquieto.»

A infeliz desatou a chorar e não tomou nenhum alimento.

No dia seguinte, ao amanhecer, mandou saber noticias, que não foram melhores, e passou o dia no seu quarto, onde fumavam brazeiros que exhalavam cheiros activos.

A creada asseverou que a ouvira gemer toda a noute.

Assim decorreu uma semana, sem que a sr.<sup>a</sup> Hermet se movesse, senão para sair uma hora ou duas, á tardinha, a fim de tomar ar. Perguntava noticias a todas as horas, e soluçava quando eram más.

No dia seguinte, o padre entrou no seu quarto: vinha grave e pallido e disse, sem acceitar a cadeira que lhe offereceram:

—«Minha senhora, seu filho está muito mal, e deseja vel-a.»

Ella caiu de joelhos, exclamando:

—«Oh! meu Deus, meu Deus! Não ousarei nunca! Meu Deus! soccorrei-me!»

O padre replicou:—«O medico conserva pouca esperanza, minha senhora, e Jorge espera-a!»

Depois saiu.

Duas horas mais tarde, aggravando-se o estado do doente, este pediu de novo para ver sua mãe; o padre apresentou-se pela segunda vez no quarto da sr.<sup>a</sup> Hermet, e achou-a ainda de joelhos, chorando e repetindo:

—«Não posso... não posso... tenho medo... não posso...»

O sacerdote diligenciou convencer-a, fortificou-a, conduziu-a. Mas só conseguiu provocar um ataque de nervos, que se prolongou por muito tempo, arrancando á pobre mulher gritos estridentes.

Quando o medico voltou á noite, e lhe contaram esse acto de cobardia, declarou que a arrastaria, com vontade ou sem ella, até á cabeceira do filho.

Mas depois de ter accumulado todos os argumentos persuasivos, e na occasião em que lhe pegava no braço para a conduzir ao doente, a sr.<sup>a</sup> Hermet agarrou-se á porta com tão extraordinaria força, que não houve modo de tiral-a d'alli.

Em seguida, quando a deixaram, abateu-se aos pés do medico, pedindo perdão, accusando-se de ser uma miseravel e gritando:—«Oh! diga-me que elle não morrerá, supplico-lhe, diga-lhe que o adoro, que o estremeço!»

O mancebo agonisava. Presentindo a morte, implorou das pessoas que o rodeavam que obtivessem de sua mãe o ir dizer-lhe adeus.

Com a dupla vista dos moribundos, comprehendera, adivinhara tudo, e accrescentou:

—«Se ella não tiver animo para entrar, peçam-lhe que venha pela varanda até á minha janella, para que eu a veja, ao menos, para que lhe diga adeus com os olhos, já que não posso beijal-a.»

O medico e o padre apresentaram-se de novo na presença da sr. Hermet.

—«Asseguramos-lhe que não ha o menor perigo, repetiram ambos, tanto mais que haverá entre a senhora e o doente a separação de uma vidraça.»

A sr.<sup>a</sup> Hermet annuiu, cobriu a cabeça, muniu-se de um frasco de saes, deu tres passos na varanda, depois, subitamente, escondendo a cara nas mãos, gemeu:—«Não... não... não ousarei nunca encaral-o... nunca... tenho vergonha... tenho medo... não... não posso...»

Quizeram arrastal-a, mas a sr.<sup>a</sup> Hermet enfiou os braços nos

ferros da varanda e lançou taes gritos, que os transeuntes, na rua, levantaram a cabeça.

O moribundo esperava, com os olhos fitos na janella, esperava, para morrer, que lhe fosse dado ver ainda pela ultima vez a doce e querida phisionomia, o sagrado rosto de sua mãe.

De repente, voltou-se para a parede e não pronunciou nem mais uma palavra.

Quando raiou a madrugada, estava morto.

No dia immediato, ella enlouqueceu.

GUY DE MAUPASSANT.

## AS NOSSAS GRAVURAS

MR. BERTHELOT

Mr. Berthelot, actual ministro da instrucção publica, de França, é uma das individualidades scientificas mais eminentes da nossa epoca.

Foi para elle que se creou em 1865, no Collegio de França, de Paris, por proposta da Academia das Sciencias, uma cadeira de chimica organica.

Como Chevreul e Pasteur, mr. Berthelot tem prestado assinalados serviços á industria. As suas descobertas sobre a synthese chimica contribuíram muitissimo para o desenvolvimento da industria das materias corantes extrahidas da hulha.

Mr. Berthelot é inspector geral do ensino superior e senador inamovivel. Entre outras publicações notaveis, deve-se-lhe uma, recente, um interessantissimo volume — *Sciencia e Philosophia* — que produziu verdadeira sensação.

O novo ministro francez conta 59 annos de idade, e é commendador da Legião de Honra.

O CONSELHEIRO ARANTES PEDROSO

Um medico notabilissimo e um character altamente respeitavel, sabendo captivar todos os espiritos pela austeridade do seu porte, pelo brilhantismo do seu talento e pela affabilidade do seu genio.

Todas estas qualidades eminentes já o conselheiro Arantes Pedroso as possuia quando começou a sua gloriosa carreira scientifica.

Bem novo ainda, já dava demonstrações publicas do seu elevado talento perante o corpo docente da escola medico cirurgica d'esta capital, onde se matriculou aos 16 annos, sendo-lhe conferido louvor nos primeiros exames que alli fez.

Argumentador habil, dotado de eloquencia persuasiva, a sua carreira escolar foi uma serie ininterrupta de triumphos para o laureado moço.

Nas cadeiras de physiologia, materia medica, pathologia, medicina operatoria, etc., foi sempre dos primeiros classificados; mas onde brilhou mais o seu talento foi na defeza da these, que preparou quando só contava 21 annos.

Quem assim dava tão solemnes demonstrações de saber e intelligencia, era natural que fosse logo indigitado para futuro professor.

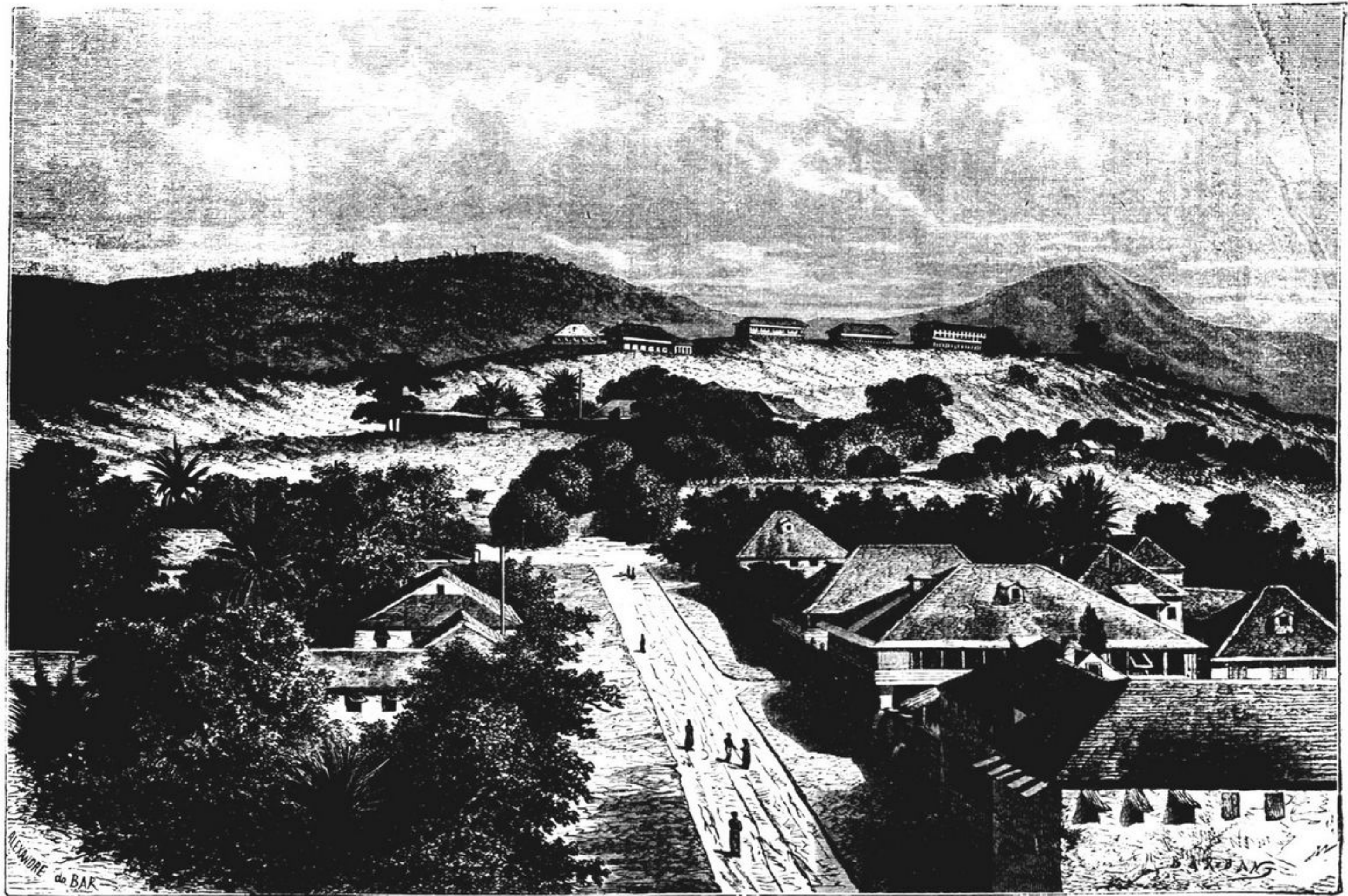
E tanto assim o comprehendeu o conselho escolar, que mais tarde o convidou a concorrer ao logar de substituto da secção cirurgica, sendo-lhe abertas as portas da escola que hoje o considera como um dos seus mais notaveis professores.

No jornalismo scientifico tambem se affirmou o talento do conselheiro Arantes Pedroso, dirigindo a *Gazeta Medica*, de que foi fundador com Bernardino Antonio Gomes, Cunha Vianna, Polido, José Maria Grande, Barboza du Bocage, Andrade Corvo, e outras verdadeiras notabilidades scientificas.

O governo de Sua Magestade, querendo dar um publico testemunho dos serviços relevantissimos que o conselheiro Arantes Pedroso tem prestado ao paiz no desempenho de varias commissões, houve por bem agracial-o com a commenda de Christo e mais tarde com a carta de conselho. A Academia Real das Sciencias, abrindo-lhe as suas portas, veiu prestar homenagem ao talento privilegiado d'este homem, que, pelo seu trabalho e dedicacão, muito honra a classe a que pertence.

No hospital de S. José deixa tambem vestigios da superioridade da sua intelligencia e da sympathia e bom nome que justamente adquiriu.

Nomeado director do «Banco» por decreto de 20 de abril de 1880, tratou logo de propor a reforma do regulamento d'esta repartição. Havendo necessidade de ser eleita uma commissão que se encarregasse de fazer as bases da reforma, para ser depois discutida, não só foi eleito presidente, como tambem foi quem mais trabalhou para se levar a cabo uma obra em que a classe medica do hospital se achava empenhada.



OS QUARTEIS MILITARES DE FREE-TOWN

Apresentámos os principaes factos da vida publica do conselheiro Arantes Pedroso, mas falta um, que muito de proposito deixámos para o fim, porque elle demonstra a estima e o respeito que lhe tributam os seus collegas.

E' sabido que a *Sociedade das sciencias medicas*, n'estes dois ultimos annos, em pouco ou nada affirmou a sua vida.

Esquecida pelos socios, era empreza quasi sobre-humana levantal-a da indifferença em que se encontrava.

Estando quasi proxima d'uma morte inevitavel, foi necessario que o conselheiro Arantes Pedroso fosse buscar ao seu arsenal therapeutico um medicamento energico para que ella não resvallsesse para a sepultura sem ter ao menos quem lhe fizesse o panegyrico.

Propinou-lhe o medicamento, e a sociedade... salvou-se.

A brilhante discussão que ha pouco ali suscitou uma portaria que lhe foi endereçada pela actual ministro do reino, prova que lhe voltou a vida nova de outras epocas.

Salvou-a o conselheiro Arantes Pedroso, e é a elle, e só a elle que todos devem agradecer um dos maiores serviços feitos á classe medica, a qual se honra de o ter pela 4.<sup>a</sup> vez como seu presidente.

#### ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

Duas notas biographicas, e nada mais.

O illustre estadista que hoje repousa para sempre á sombra dos cyrestes, no cemiterio dos Prazeres, depois de ter assombrado o paiz inteiro com o extraordinario brilhantismo do seu talento, nascera em Lisboa a 8 de setembro de 1819. Era filho do distincto capitão de mar e guerra, João de Fontes Pereira de Mello, que geriu a pasta da marinha, no gabinete presidido por Mello de Carvalho.

Aos treze annos de idade, assentou praça na armada e pouco depois passou para o exercito (27 de julho de 1834) sendo então guarda-marinha. Colocado no quadro de engenharia, sahio segundo tenente a 13 de novembro de 1835, sendo promovido a tenente em 20 de julho de 1841.

Contava 22 annos incompletos quando houve a revolução da Maria da Fonte, sendo nomeado ajudante d'ordens do duque de Saldanha e prestando por essa occasião assignalados serviços á causa do governo de D. Maria II.

O marechal duque attribuiu-lhe parte do bom exito da acção de Torres Vedras, pois se aproveitara de um reconhecimento effectuado pelo tenente Fontes.

Mais tarde e na qualidade de ajudante d'ordens, Fontes Pereira de Mello acompanhou seu pae a Cabo Verde, por onde foi eleito, pela primeira vez, deputado ás côrtes, em 1848.

Tomou uma parte distincta nas sessões legislativas de 1848 a 1851. A 7 de julho d'este ultimo anno, entrou para o gabinete Saldanha, na qualidade de ministro da marinha.

A 21 de agosto tomou conta da pasta da fazenda, que accumulou com a da marinha até 4 de março de 1852, sendo n'esta data confiada aquella pasta a Jervis d'Atouguia. A 30 de agosto do mesmo anno, foi creada a pasta das obras publicas, de que o conselheiro Fontes se incumbiu interinamente. N'aquelle mesmo dia, foi ordenada a construcção do caminho de ferro do Norte.

Durante a gerencia da nova pasta foram creadas as quintas de ensino agricola (10 de Dezembro de 1852) e o Instituto Industrial de Lisboa (10 do mesmo mez e anno).

Em novembro de 1855, dois mezes depois do advento d'el-rei D. Pedro V, partiu o conselheiro Fontes para o estrangeiro, afim de tratar dos negocios financeiros de Portugal. Em Londres, foi apresentado á rainha Victoria pelo conde de Lavradio; em Paris, o imperador Napoleão III convidou-o para um jantar no paço.

Distinguiu-se nas sessões legislativas de 1856, 1857, 1858 e 1859, com discursos notabilissimos, entre os quaes o que pronunciou com respeito á questão *Charles et George*.

Em 16 de março de 1859 o marechal duque da Terceira escolheu-o para a pasta do reino, e manteve-se no poder até depois da morte do duque, retirando-se com os seus collegas em 4 de julho de 1860.

Em 4 de setembro de 1865, no ministerio da *Fusão*, sob a presidencia de Joaquim Antonio d'Aguiar, o conselheiro Fontes incumbiu-se da gerencia da pasta da fazenda, que depois accumulou com a da guerra, por occasião da recomposição ministerial de 9 de maio de 1866.

Por decreto de 7 de maio, foi nomeado vogal da secção do contencioso administrativo do conselho de Estado.

Manteve-se no ministerio até 4 de janeiro de 1868, data em que o conde d'Avila subiu ao poder, em virtude do protesto do Porto, chamado a «Janeirinha»

Em 5 de janeiro de 1870, foi creado par. Em 11 de setembro d'esse anno, foi novamente chamado aos conselhos da corôa, conservando-se no poder até 1876, e sendo então substituido pelo conselheiro Anselmo Braamcamp, finado chefe do partido progressista.

N'aquella situação, assumiu pela primeira vez a presidencia do conselho.

Em 1881, tendo o gabinete Braamcamp deixado o poder e

coincidindo com este facto a morte do duque d'Avila e Bolama, foi Rodrigues Sampaio incumbido de formar ministerio, e por essa occasião o conselheiro Fontes nomeado presidente da camara dos pares e governador da Companhia do Credito Predial Portuguez. Mezes depois, tendo havido recomposição ministerial, de novo assumiu a presidencia do conselho, em que se manteve até fevereiro de 1886.

O conselheiro Fontes Pereira de Mello falleceu no posto de general de divisão,

Além de conselheiro de Estado effectivo e ministro de estado honorario, Fontes Pereira de Mello era presidente da camara dos pares, governador da Companhia do Credito Predial, e presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

E era condecorado com as seguintes ordens: Tozão de Ouro, de Hespanha, e Annunciada de Italia; gran-cruz da Torre e Espada, e de Aviz, de Portugal; da Legião de Honra, de França; de Leopoldo, da Belgica; de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia; do Cruzeiro, do Brazil, do Merito militar e de Isabel a Catholica, de Hespanha; do Leão, da Hollanda; da Corôa, de Sião, do Sol Nascente, do Japão; do Leão, da Persia; tinha diversas commendas e o collar de Carlos III, etc., etc.

#### OS QUARTEIS MILITARES DE FREE-TOWN

Free-Town é a capital da colonia ingleza da Serra Leôa, na Guiné superior, e tem 6:000 habitantes.

A nossa estampa representa uma das ruas da cidade e os quartéis militares, construidos no alto de um cerro elevadissimo. Estes quartéis são vastos, bem arejados e dominam a cidade, de que são o mais bello aformoseamento. Os officiaes inglezes vivem ali com os soldados. Teem salas de esgrima e de bilhar e bibliotheca. Nada falta para os distrahir n'aquelle exilio muitas vezes aggravado pelas febres. A sala de jantar é magnifica. Os officiaes fazem ali as suas refeições com o conforto tradicional nos regimentos da rainha Victoria.

#### PAVILHÃO ÉSTE NO PATEO DA LEGAÇÃO FRANCEZA, EM PEKIN

O palacio da legação de França em Pekin, antigo palacio chamado Tsigue-kong-fou, foi cedido aos francezes pelo governo chinéz, em 1861.

E' um edificio magnifico, cercado de bellos jardins e de lindos kioskes.

O grande pateo de honra d'este palacio reconstruido pelo engenheiro francez, Bouvier, tem a este e a oeste dois pavilhões com algumas columnatas de côr vermelha formando varandas, cujo frontão, o da porta de honra, é decorado com brilhantes pinturas.

A nossa gravura representa um d'estes elegantes pavilhões ao rez-do-chão.

## IRONIA DA MORTE

Quando ella se finou, a anémoma e a verbena  
Teceram-lhe o lençol do derradei o leito,  
E verteu-lhe o perfume a mystica açucena  
Em cima do gelado e opalescente peito...

Quando ella se finou, sobre o caixão estreito  
A lua derramou as lagrimas da Pena...  
E as estrellas do ceu, n'um soluçar desfeito,  
Choraram-na tambem, na abobada serena...

Quando ella se finou, minha alma, em grito fundo,  
Bradou:—Tudo morreu, tudo acabou no mundo,  
No mundo nada mais me alegre ou me conforta!...

Poz-se então a chamar a morte redemptora,  
E a morte respondeu-lhe, alçando a voz sonora:  
—Que é que queres de mim, se tu estás já morta?...

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Alli este animal é uma perna—1—1.  
 Este Deus faz parar um animal por ser homem—1—1—2.  
 Suspende na India este prego—1—1.  
 Na musica este adverbio é um instrumento—1—1.  
 Aqui tem mau cheiro esta aldeia da Beira Baixa—1—2.  
 E' branco n'este metal novato—1—2.  
 Na musica este animal corre—1—2.

Castello Branco.

ORUOL.

CHARADA EM VERSO

(Ao infatigavel charadista, Matheus Junior)

Retribuição

Musa alegre da chalaça.  
 Sé para mim lisongeira;  
 Dando-me pilhas de graça,  
 Sem pôr o sal na molleira.—1  
 Qu'eu de ti desajudado,  
 N'este momento supremo,  
 Sou capaz—vejam que fado—  
 De mandar à fava o démol  
 Bem sabes que fui chamado,  
 De maneira muito honrosa  
 A terreiro; e obrigado,  
 Ficarei por nova tosa!  
 Por tanto, musa, inspira,  
 Do pequeno o intellecto;  
 Se não, a mente delira,  
 E fico um typo abjecto!  
 Não queiras, pois, musa minha,  
 N'esta hora abandonar-me;  
 Pois se me faltas, doidinha.  
 Vou com certeza matar-mel  
 Anda, vem; chega-te a mim,  
 E prometto á boa fé  
 Dar-te um dente de marfim,  
 E a pata d'um chimpanzé.—1

Ora, pois... eu agradeço  
 Offerta tão delicada,  
 —Attenções que não mereço—  
 D'uma tão fina charada.  
 Como, porém, é dever,  
 Retribuir a fineza;  
 Eu sinto-me enfraquecer  
 Ao tentar tão ardua empreza.  
 Mas, no entanto, pro.netto,  
 Para nova occasião,  
 Uma charada em soneto,  
 Ao mui distincto garção.  
 Hoje, porém, só lhe digo,  
 Meu caro auctor da charada:  
 —Quer servir-se, meu amigo,  
 De tomar uma pitada?...

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Logogriphos

(Ao Pequeno Antoninho)

O Papa tem um parente,—6, 2, 4, 16, 11, 5  
 De quem me não lembra o nome—3, 4, 13, 14,  
 E dou-me por mui contente  
 Em lhe saber o cognome.—2, 4, 13, 10, 15, 5, 10, 7

Disseram-me hontem (coitado!)  
 Ter esta doença; e que então—5, 4, 13, 9, 9  
 Só podia o desgraçado  
 Andar pela escuridão.—12, 11, 13, 10, 2

Quiz logo ir ter com o doente,  
 Mas eis me resalta à vista  
 Uma charada valente  
 D'um terrivel charadista.

Substantivo—6, 3, 19, 12, 8, 21, 4, 11, 15, 13, 14, 12, 16  
 Adjectivo—17, 13, 20, 18, 14, 10, 16, 2  
 Adverbio—11, 3, 14, 8, 13, 17, 9, 19, 8, 21  
 Substantivo—13, 1, 7, 14, 20, 16, 17, 21, 19, 8, 7  
 Substantivo—13, 11, 7, 17, 17, 3, 8, 15, 17, 9, 4, 20, 7  
 Adverbio—9, 4, 8, 14, 3, 20, 16, 19, 8, 7  
 Substantivo—16, 11, 7, 4, 8, 21, 11, 15, 17, 9, 10, 20, 7

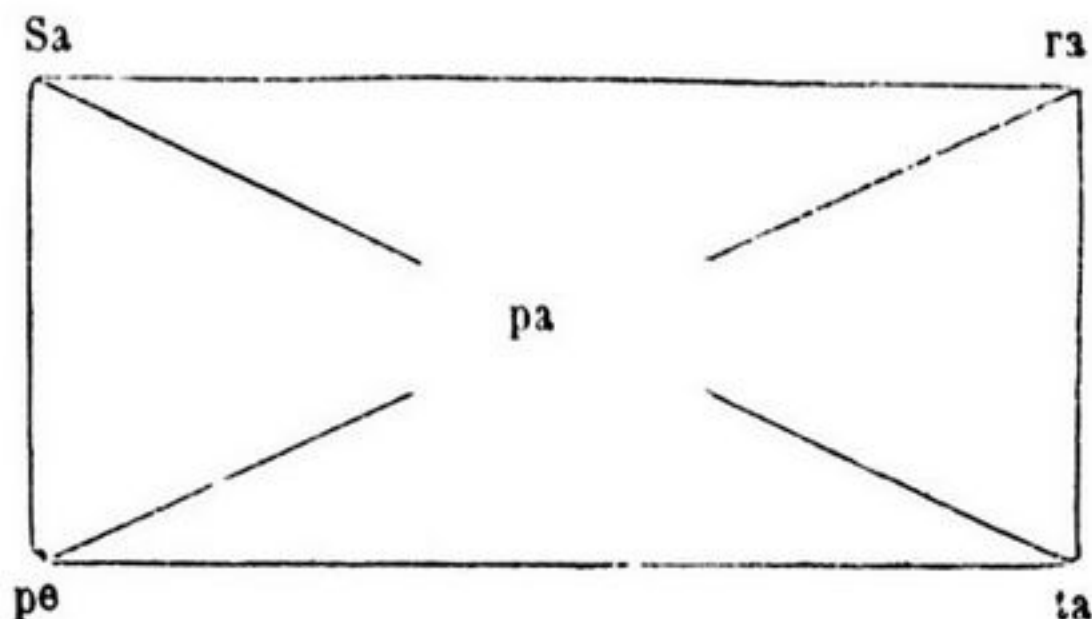
Adverbio

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Signalha—Soltão—Pular—Marca-  
 valla—Siler—Pecego—Regedor—Areal—Lidador—T. pazio.  
 DA CHARADA PROPORCIONAL:—Pa agaiio.  
 DA CHARADA EM VERSO:—Indolente.  
 DA CHARADA CONIMBRICENSE:



A RIR

Um pae, que quer dar a seu filho uma educação isenta de preconceitos e de erros, demonstrou-lhe que o homem não passa de um animal. No dia seguinte, de manhã, o filho complimenta-o n'estes termos:

—Bons dias, animal!  
 —Animal?!? exclama o pae furioso.  
 —Mas foi meu pae que me disse que o eral

Ao jantar, entre amigos de idade avançada:  
 —Recordas-te do tempo em que se usava o *Benedicite* antes de se começar a comer?  
 —Ora, se me recordo!  
 —Era um bom costume, meu caro...  
 —Bom?!?  
 —Com certeza. Permittia pelo menos que arrefecesse um pouco a sôpa!

Uma dama é cortejada por um sujeito, grande emprehendedor em questões amorosas. Proximo a ceder ás instancias d'elle, ella recua de repente e exclama:  
 —Prometta-me ao menos que casa commigo.  
 —Mas, minha senhora, é impossivel:—eu sou casado!  
 —Idiota! replica ella, fugindo; eu só lhe pedi que promettesse

## UM CONSELHO POR SEMANA

PÓS PARA LIMPAR DENTES

Carvão vegetal..... 200 grammas  
 Magnezia..... 10 "

Reduz-se a pó fino e junta-se-lhe uma gramma de essencia de hortelã pimenta.

Estes pós são preferiveis aos pós acidos, que atacam o esmalte dos dentes.

## VINGANÇA D'UMA CANTORA

I

Amavam-se perdidamente havia um anno, sem que a mais tenue nuvem viesse empanar o casto brilho d'aquella felicidade sem par. Uma noite, ao terminar o ensaio, a actriz encontrara-se com Gustavo á sahida do theatro. A chuva cahia com uma intensidade assustadora, e á porta só estacionava um trem, mas decepção das decepções, esse trem estava tomado!

Quando Aurora contemplava com tristeza as pesadas pingas

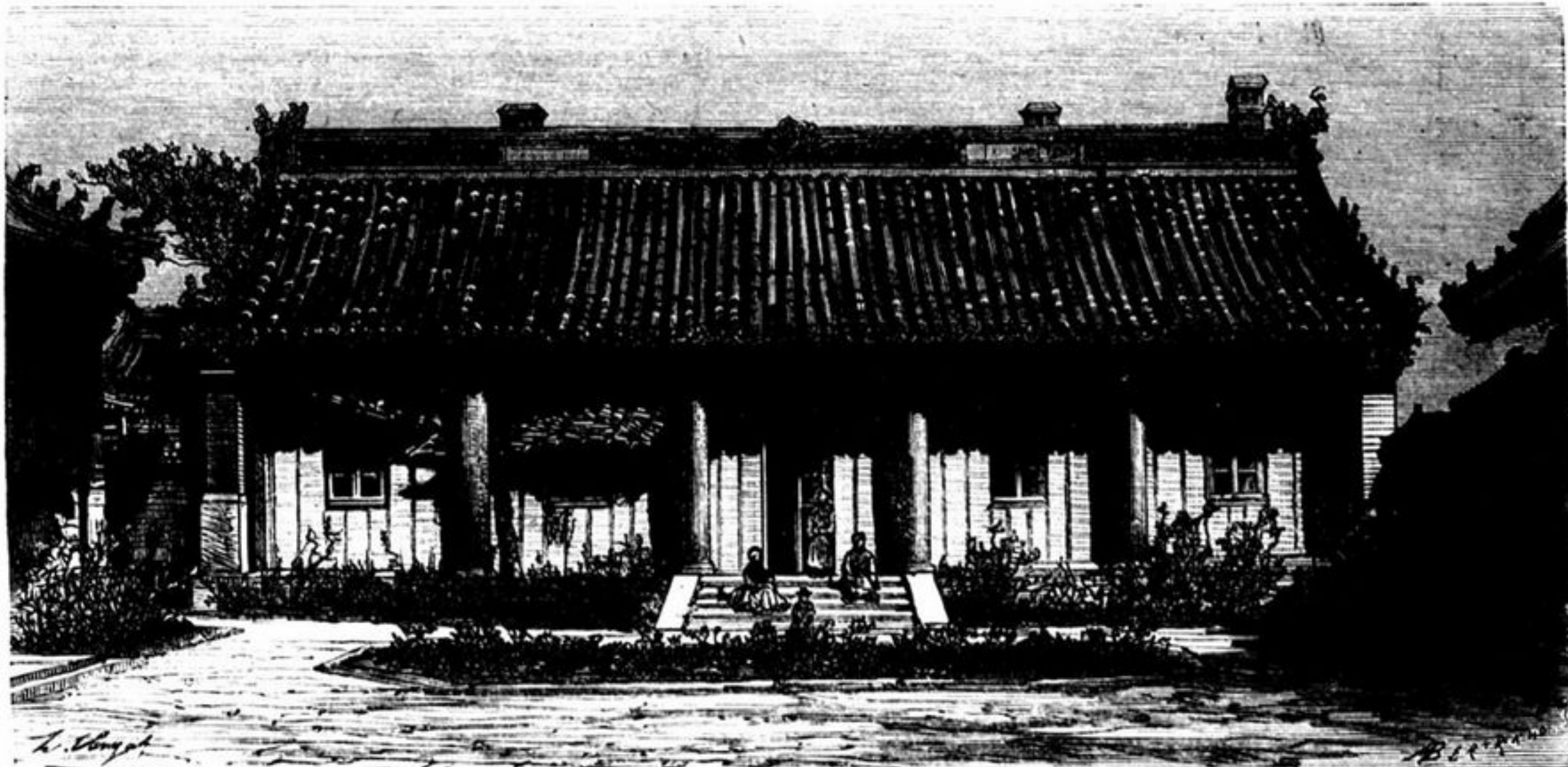
sado viver estroina e alegre, recolhendo-se com a austeridade d'um monge, no puro gozo da sua felicidade domestica. Nas noites de espectáculo, quando no auge do enthusiasmo toda a plateia, arrebatada pela magia da sua voz de fada, se erguia saudando-a n'um só applauso, Aurora apenas procurava com o olhar o seu querido Gustavo. Os bravos de toda aquella multidão que a estimava, nada valiam para ella, nada, se o amante a elles se não associasse tambem. N'esse caso, a alegria fulgurava-lhe no olhar, e era com a mais profunda commoção que agradecia n'um reconhecimento aparentemente dirigido a todos, mas que a final era pura e exclusivamente a um só! Nunca recebera d'elle dinheiro nem um unico objecto de valor. Seria isso para ella uma profanação, o desfolhar de todas as doces illusões que meigamente a emballavam. Mas coitada, apesar de tudo, um dia viu-se abandonada, cruamente abandonada pelo ingrato, que, saciado de tanta fidelidade, a deixou sem uma palavra sequer de despedida, e, o que era ainda mais cruel para ella, a fim de casar com uma velha viuva, que o sedusira com o atractivo d'uma fortuna immensa.

Ao vêr-se assim despresada, chorou, pensou mesmo no suicidio, mas depois, n'um momento de lucidez, resolveu vingar-se do traidor, que tão fundamente a humilhara, e tirar uma desforra do seu orgulho ultrajado.

E então a tristeza dissipou-se como por encanto, e o sorriso voltou-lhe aos labios... Estava curada...

III

Um mez depois, uma das principaes egrejas da cidade estava



PAVILHÃO ESTE NO PATEO DA LEGAÇÃO FRANCEZA, EM PEKIN

d'agua que, batendo fortemente nas lages do passeio, espargiam miriades de gottasinhas que lhe iam humedecer a fimbria do vestido, e cheia de arripios pensava no estado em que chegaria a casa arrostando com o aguaceiro, o individuo que estava dentro do trem, á espera, sem duvida, d'um amigo, apeou-se, e chegando-se attentiosamente a ella, offereceu-lhe o carro com toda a amabilidade.

Ella quiz, ao principio, recusar, mas a noite estava tão tempestuosa, a chuva cahia tão assustadoramente... depois, elle tinha uns modos tão insinuantes, tão amaveis, e um rosto tão correcto e sympathico, que ella, sem saber como, achou-se dentro da carruagem.

Começou então um duello de generosidade. Elle queria ficar no atio, á espera que o carro voltasse de a conduzir a casa, e ella não consentia.

—Que a havia de acompanhar, senão nada feito, não acceitava o favor... Que bem sabia ser a sua companhia detestavel, mas que se enchesse d'animo, que levasse a cruz ao calvario...

Elle protestava rindo, negava, desfazia-se em amabilidades, terminando por tomar lugar ao lado da gentil rapariga, e tão bem se entenderam pelo caminho, que chegados ao termo da curta jornada, eram os melhores amigos possiveis e imaginaveis.

II

Aurora amava-o doidamente. Por elle abandonara todo o pas-

em festa. Tinha logar o casamento de Gustavo, que n'esse dia recebia por esposa uma das mais opulentas viuvias do Porto.

Filas de convidados estendiam-se por toda a nave na gravidade das suas posturas correctas. Algumas donzellas, uma verdadeira onda de rendas e setins, acompanhavam a noiva sorridente, que passava atravez as filas dos convidados, sem se aperceber do sorriso sarcastico que bailava nos labios de muitos d'elles.

Quando, finda a cerimonia, os noivos, de braço dado, desciam pelo corpo da egreja, seguidos da multidão de convidados, a orchestra, escondida no côro e que até então os deliciara com a execução de trechos primorosos, rompeu n'uma marcha funebre, e uma voz juvenil, fresca e vibrante entoou, á guisa de canto triumphal, o terrivel *de profundis*.

Os convidados param estupefactos. Gustavo empallidece e perturba-se, e a noiva, aterrada, cae sem accordo no pavimento da egreja.

E o canto de morte continuava sempre, sempre, e o ouvido mais apurado difficilmente percebia um crescendo de victoria na limpidez d'aquellas notas lugubres.

Aurora estava vingada e bem vingada.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica